

RISCOS DA EXCLUSÃO SOCIAL

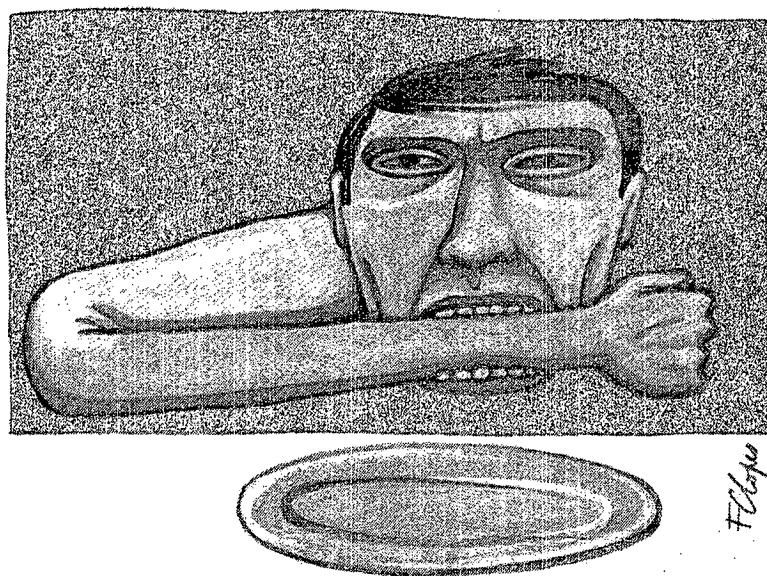
Josaphat Marinho

É manifesta e dolorosa a diversidade de situação social na população brasileira. Da riqueza à miséria desdobra-se o quadro, em colorido variado, indicativo das diferenças econômicas. Na rua como na porta dos hospitais, sente-se o drama no vestir, no trato físico das pessoas, na expressão de desengano ou de tristeza de muitas delas. A frequência com que outras pedem ajuda, nos pontos de transporte coletivo, na porta das casas comerciais, nos espaços de estacionamento de veículos, confirma o perfil das desigualdades crescentes. Não é menos revelador do fenômeno o número dos que anunciam nos jornais o oferecimento de mão-de-obra. E de todos os tipos de profissão. Há mesmo os que pedem emprego ocultando seus títulos ou sua especialização, na expectativa de facilitar seu aproveitamento. Recentemente, alguém, com ironia ou para não entrar em desespero, publicou que pagaria para trabalhar. Se há astúcia, não é de todos, nem da maioria.

Dias atrás, o *Correio Braziliense*, em mais de meia página, analisou o problema do "banquete dos excluídos". Foi uma "reportagem" baseada no "restaurante Mesão 77", ponto de refeição dos excluídos de São Paulo. A casa tem tradição, já mudou de uma para outra rua. Funciona hoje num "beco sem saída, no centro da capital paulista", em "salão escuro, sem janelas". O preço da refeição varia de R\$ 0,85 a R\$ 1,20. É tudo muito simples, sem cadeiras,

apenas com "bancos de alvenaria" em torno de mesas grandes. Há, entretanto, a higiene possível, e as mesas, logo que desocupadas, são seguidamente limpas. É o cuidado na miséria, como a mostrar que a pobreza também se preza. Aliás, na entrada do salão, sem nome, há uma placa pedindo aos fregueses que se comportem. Outra recomenda: "Por favor, não pode almoçar sem camisa". Lição a outras classes.

O noticiário revela, igualmente, que a freguesia aumenta, com pessoas diferenciadas. Conforme assinalado, "a crise econômica e o desemprego estão levando ao "Mesão 77" clientes que aparentam ser de classe média baixa. São pessoas de rosto, cabelos e roupas limpos,



quase sempre novas, embora simples". Aí se incluem "trabalhadores da economia informal, cujos rendimentos são tão baixos que não permitem mais um prato feito oferecido por estabelecimentos convencionais". Assim, sem propósito de pesquisa social, a jornalista Yone Simidzu presta importante serviço aos estudiosos, à sociedade e aos governos, levantando e exibindo fatos e dados que requerem reflexão.

O que está nos elementos expostos é um retrato de parte da sociedade brasileira. Há "Mesão 77" em quantidade, em todas as capitais e grandes cidades do país. E em muitos lugares sem os cuidados anunciados na casa do grande centro. Relevante notar é

que a surpreendente civilidade apurada no salão popular tem a duração permitida pela necessidade econômica. A dificuldade crescente, e que atinge quase toda a classe média, vai suprimindo os freios do comportamento, aumentando a insatisfação e gerando a revolta. Sem dúvida, a violência já desencadeada na sociedade não é toda produto desse regime de disparidades. Há desajustamento de outra natureza. Mas a sociedade, sobretudo a dos que podem, e os governos devem estar mais atentos às injustiças, para que não se alargue o descontentamento.

Há sinais em demasia de desequilíbrio social e econômico. Pessoas abandonam o estudo por impossibilidade de pagar as prestações devidas, ou por necessidade de trabalhar a fim de concorrer para o sustento da família. Diplomados trabalham em serviço sem qualificação, ou com salário injusto para seu preparo. Desempregados muitos, sem perspectiva de nenhum amparo, visto que o setor público demite e o setor privado experimenta grave crise. Não é de somenos aquele fato de alguém, sem esperança ou por mordacidade, dispor-se a remunerar para trabalhar. Quando parcela da população começa a perder confiança no futuro, a base do convívio humano é ameaçada. O enfraquecimento do poder de tolerância é extremamente prejudicial à vida coletiva.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia